

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

A VONTADE DE PODER E O ETERNO RETORNO DO MESMO COMO ARTE¹ THE WILL OF POWER AND THE ETERNAL RETURN OF THE SAME AS ART

João Francisco Cócáro Ribeiro², Fábio César Junges³

¹ Projeto de Iniciação Científica.

² Aluno do Curso de Graduação em Direito da Uri, campus Santo Ângelo. E-mail: joao-cocaro@hotmail.com.

³ Doutor em Teologia. UNICRUZ, Cruz Alta. E-mail: fabiocesarjunges@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo central compreender e explicitar a filosofia nietzschiana no que concerne à arte e à estética. Seu pensamento envolve questões que giram em torno da sua compreensão de vontade de poder e do eterno retorno do mesmo, isto é, a doutrina do eterno retorno do mesmo constitui-se num dos elementos fundamentais da filosofia nietzschiana e a vontade de poder é aquilo que a fundamenta. Logo, é impossível discorrer sobre estética e arte sem associar a estes, de modo que o título do presente artigo se faz valer e transcende por si só. Portanto, a interpretação e a compreensão nietzschiana, no que concerne à arte e à estética, envolve questões como: o que é estética? O que é o belo? O que é arte?

A VONTADE DE PODER COMO ARTE

Dada tais mensuras fundamentais para a compreensão da arte como configuração da vontade de poder, iniciemos por meio de perguntas diretrizes: O que é estética? No que consiste a estética? O que é lógica? O que é ética? O que é belo? O que é arte?

O nome “estética” é cunhado de maneira correspondente aos termos “lógica” e “ética”. O que precisa ser acrescentado é sempre ἐπιστήμη, conhecimento. Lógica: λόγος ἐπιστήμη: conhecimento do λόγος, isto é, doutrina do enunciado, do juízo como a forma fundamental do pensar. Lógica: conhecimento do pensamento, das formas e das regras do pensamento. Ética: ηθική ἐπιστήμη: conhecimento do ἦθος, da postura interior do homem e do modo como ela determina seu comportamento. (HEIDEGGER, 2014, p. 62).

O que determina o pensar é a lógica, quanto a isso em relação ao que ele se comporta é o verdadeiro; o que determina a postura e o comportamento do homem assim como isso em relação ao que ele se comporta, é o bem; o que determina o sentir do homem, a estética, assim como isso

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

em relação ao que ele se comporta, é o belo. O verdadeiro, o bem, o belo são objetos da lógica, da ética, da estética.

[...] estética é a consideração do estado sentimental do homem em sua relação com o belo, é consideração do belo na medida em que ele se encontra em ligação com o estado sentimental do homem. O belo mesmo não é nada além do que o que produz esse estado por meio de sua aparição. Mas o belo pode ser: o belo da natureza e o belo da arte. Porquanto a arte produz o belo à sua maneira na medida em que a arte é a “bela” arte, a meditação sobre a arte transforma-se em estética. (HEIDEGGER, 2014, p. 62).

Na concepção kantiana da estética, belo é aquilo que pura e simplesmente agrada, é o objeto de mero deleite, “desprovido de todo interesse”, pois o julgar se algo é belo ou não jamais pode ser por um interesse. O erro de Nietzsche foi ter interpretado Kant segundo Schopenhauer. Com efeito, sua estética está muito próxima da kantiana. Para ele, o belo também é aquilo que agrada, todavia, isto depende do conceito de agradar e do que agrada.

Certa vez, Nietzsche escreveu, (2011, p. 429), “[...] o julgamento estético é míope [...]”. Aquilo que é belo, agradável para determinado ente não ser para outro, até mesmo para diferentes homens superiores. A cultura influencia em tal juízo, no que concerne as massas, o rebanho, porém no pensamento nietzschiano a estética é desprovida da cultura, ou seja, a castração e a domesticação que as religiões querem impor aos entes.

Para Nietzsche, a arte concebe-se a partir daquele que cria, ou seja, do artista, pois não existe um objeto em si, tudo é sujeito, e por isso um *modus do sujeito*, ou seja, somos nós que geramos a qualidade de coisa. “Somente o sujeito é *demonstrável*: podemos emitir a hipótese de que apenas existem sujeitos, que o ‘objeto’ é somente espécie de efeito do sujeito sobre o sujeito...” (NIETZSCHE, 2011, p. 352). A criação é a produção embriagada do belo na obra, é ir além de si mesmo, podemos citar uma prova inequívoca disto: “Para Nietzsche, alçamo-nos para além de nós mesmos em meio à plenitude de nossa capacidade essencial no interior da embriaguez. Portanto, o belo se descerra na embriaguez. O belo mesmo é aquilo que nos transpõe para o sentimento de embriaguez” (HEIDEGGER, 2014, p. 92). E também, “A arte, geralmente o grande estimulante da vida, a embriaguez de viver, a vontade de viver [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 437).

Nietzsche refere-se à embriaguez para tudo aquilo que ele denomina dionisíaco, esse termo foi suscitado pela influência da música de Richard Wagner, ao qual ele exaltou em seu primeiro livro *O Nascimento da Tragédia - 1872*, isto antes do seu desentendimento com o músico, logo após escreveu o livro *O caso Wagner e Nietzsche contra Wagner - 1888* onde critica Wagner e sua música. “Wagner é realmente um ser humano? Não seria antes uma doença? Ele torna doente aquilo que toca - ele tornou a música doente -” (NIETZSCHE, 2016b, p. 18).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Dionisíaco é o antagonismo de Apolíneo, provém do deus do vinho, da orgia e da música, na mitologia grega, Dionísio ou Dioniso, ao qual tudo é invertido, e tratado com riso e humor, onde a embriaguez sexual é o ápice, é o *anticristo* por excelência, a vida por novos valores, a vontade de poder, o construir e destruir, o ir e vir, o renascer eternamente (eterno retorno do mesmo), o eterno devir, o *Amor Fati* (amar a vida como ela é). “O dizer sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos - a isso chamei dionisíaco, nisso vislumbrei a ponta para a psicologia do poeta trágico” (NIETZSCHE, 2014, p. 100). “Sou um discípulo do filósofo Dioniso, prefiro ser um sátiro a ser um santo” (NIETZSCHE, 2015, p. 22).

A concepção nietzschiana da arte reduz-se a duas determinações fundamentais: a embriaguez e a beleza; a embriaguez é a determinação fundamental, e a beleza o determinante. Quando Nietzsche se refere à arte, refere-se ao *grande estilo*, sendo este o sentimento mais elevado da vontade de poder, o que ele determina por grande estilo está o mais próximo possível do estilo clássico, o estilo Renascentista é um exemplo, pois é sempre exaltado em toda sua obra.

A arte se compertence com o verdadeiro que se compertence com a verdade que se compertence com o grande estilo; mas o que é verdade? A verdade deve ser concebida em sua singularidade e não em uma pluralidade. Segundo Heidegger, (2014, p. 119), “[...] então a verdade é apenas uma; falar de ‘verdades’ torna-se impossível”. A verdade não é para Nietzsche a essência do verdadeiro, mas o verdadeiro que satisfaz a essência da verdade. Embora o pensamento nietzschiano esteja muito longínquo de Descartes, ambos concordam sobre a verdade, sendo ela, e somente assim, compreendida como algo real e concreto. O verdadeiro é o verdadeiramente ente, o em verdade real. “[...] o verdadeiro é o verdadeiramente conhecido, o real. Somente no conhecimento e por meio do conhecimento, o verdadeiro é fixado como verdadeiro” (HEIDEGGER, 2014 p. 122).

Nietzsche é conhecido como o filósofo da inversão, e como ele próprio costumava dizer, sua filosofia é o platonismo invertido. Vejamos bem, o platonismo e não Platão, pois este é inderrogável. Para Nietzsche, o belo está neste mundo, no sensível, e não no suprassensível, ou mundo-verdadeiro, pois isto é negar a própria vida, a própria existência. Para que haja uma inversão e uma discórdia, determinadas ideias devem ter algo em comum, por conseguinte, Nietzsche não nega o suprassensível do platonismo apenas o inverte em sua concepção hierárquica (o mundo sensível encontra-se na esfera superior e o suprassensível na esfera inferior), pois se o mundo suprassensível ou inteligível é extirpado, o mundo sensível também o é.

A discórdia é a superação do niilismo, pois o suprassensível na concepção nietzschiana e que se encontra na esfera inferior, é o “ir-além-de-si-mesmo”, ou seja, alusões que são alcançadas por sábios e virtuosos, porém neste mundo, e sem pré-requisitos (como ter uma alma ilibada do pecado). O suprassensível do platonismo é o mundo-verdadeiro que é inatingível e prometido apenas a devotos (ao pecador que cumpriu sua penitência); tal concepção é alcançada por Kant e Leibniz. Para o platonismo ser e devir se excluem mutuamente, para Nietzsche devir e ser se compertencem formando uma unidade que é a essência da vontade de poder, “ser como a

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

constância deve deixar o devir ser um devir”; ou seja, devemos encontrar em nosso devir o nosso ser, pois só nos tornamos aquilo que já somos, “torna-te aquilo que és”.

A arte e a verdade são congruentes para o platonismo, visto que o que é verdadeiro é o supracosmético inatingível e este, e tão somente, é o belo. Todavia, para Nietzsche, a arte e a verdade causa horror, no sentido de que a verdade é um erro, e esta não existe. “Nós temos a arte para que não venhamos a sucumbir pela verdade”. E também, “‘Não é possível viver com a verdade’ se a vida é sempre elevação vital. ‘A vontade de verdade’, isto é, a vontade de uma aparição firmemente estabelecida ‘já é um sintoma de degeneração’”. E mais além, “Verdade é um tipo de erro sem o qual um determinado tipo de ser vivo não conseguiria viver. O valor para a vida é o que decide em última instância”.

Visto que o ser, todo o ente é perspectivístico-percipiente, ou seja, todo ente é “sensível”, todo o real é perspectivístico, a vida é por si só perspectivística.

A plurissignificância do que se mostra nas múltiplas perspectivas é dada, e, com isso também, o elemento indeterminado, aquilo que aparece ora desse, ora daquele modo, e que oferece, por conseguinte, ora essa, ora aquela aparência. No entanto, essa aparência só é um parecer no sentido da mera semblância se o que se mostra em uma perspectiva se cristaliza e é fixado como o unicamente normativo em detrimento das outras perspectivas que alternadamente afluem. (HEIDEGGER, 2014, p. 171).

A aparência é a essência do real; e Nietzsche diz, “‘aparência’, tal como a compreendo, é a realidade efetiva e única das coisas”. Não obstante, isso não significa que a realidade é algo aparente, mas a realidade é aparência. Fica claro agora aquilo que já foi comensurado, que o julgamento estético é míope, devido à perspectividade do ente. “A arte e nada como a arte” (NIETZSCHE, 2008, p. 427).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da tese exposta, e do esforço traçado para a compreensão da obra nietzschiana, pode-se afirmar que a estética se compertence com a lógica e com a ética, pois o que determina o pensar do ente é a lógica, e a estética determina o sentir. A arte para Nietzsche é a embriaguez vinculada ao grande estilo, logo o que determina o belo é a embriaguez, o “ir-além-de-si-mesmo”, e consiste em tudo aquilo que agrada e causa deleite. Contudo, o julgamento estético é míope, o que vem a ser belo para um não o é para outro.

A filosofia nietzschiana é a inversão do platonismo, é o seu contramovimento; No tocante a isso, Nietzsche certa vez escreveu que temos a arte para não morrer da verdade, a verdade não existe - no sentido de que a concepção de Platão sobre a verdade é na realidade uma inverdade, ou uma

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

“verdade” infundada, um erro. Para Nietzsche, verdade é tudo aquilo que eleva o ser humano e satisfaz o verdadeiro, verdade é o verdadeiramente ente. A importância e a influência que Platão tem para Nietzsche é inderrogável, pois como foi apresentado, a discórdia e a inversão não tem por vislumbre a supressão ou depreciação. A arte, neste sentido, é a configuração mais conhecida e transparente da vontade de poder.

Palavras-chave: Estética; Belo; Nietzsche;

Keywords: Aesthetics; Beautiful; Nietzsche;

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2016a.

_____. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *Ecce homo*. São Paulo: Martin Claret, 2015.

_____. *O caso Wagner e Nietzsche contra Wagner*. São Paulo: Schwarcz, 2016.

_____. *Vontade de potência*. Petrópolis: Vozes, 2011.